

NA ITALIA

As manifestações contra a guerra

II Libertario de 20 de maio traz-nos uma noticia desenvolvida das manifestações populares contra a guerra.

Em Milão, Sampierdarena, Rivarolo, Sestri, Bolzaneto, Savona, Sanremo, Gaeta, Placência, Pinerolo, Como, Ravena, Florença, Cesena, Acqui, Crema, Terni, Perugia, Bolonha, Ponte a Egola, Módena, Macerata, Voghera, Turim, etc., houve greves, comícios, manifestações ou contramanifestações antigueristas. Em muitos desses lugares, deram-se graves conflitos entre os antigueristas e os nacionalistas, protegidos pela «força pública», tendo daí resultado muitos feridos e por vezes mortos. Os guerristas mostraram mais força nos centros do parasitismo, da burocracia estatal e comercial e da juventude universitária. O verdadeiro proletariado industrial, o operariado das fábricas, esse combateu o nacionalismo.

Os soldados tomaram parte na luta em vários lugares, atacando os guerristas, que em geral não são guerreiros. Assim, em Oneglia, Lione, Arezzo, etc., havia muitos reservistas entre os nossos camaradas. Em Codogno e Iesi houve manifestações antigueristas só de soldados, com cantos revolucionários e grossa pancadaria no lombo dos heróis do «armememos e marchai!»

As mulheres foram os elementos mais activos e corajosos. Em Prato e Montelupo tiveram parte preponderante nas manifestações. Em Lione, dispersaram os guerristas á chinelada. Em Campi Bisenzio impediram a partida dum combóio de reservistas, atravessando-se nos trilhos. Em Foligno, foi a muito custo que a policia livrou os guerristas das mãos das mulheres furiosas, depois auxiliadas por operários e reservistas.

Brevemente diremos as razões por que este movimento não se estendeu e não produziu os efeitos desejados.

Guerristas—porque não?

Um semanário anarquista de Espanha acha injusto e malévolo chamar guerristas aos anarquistas partidários da intervenção dos revolucionários na guerra entre Estados, em favor dum deles.

Não vemos bem porque. Será porque não são partidários da guerra em si? Mas isso nem os conservadores clericais o são! Todos os patriotas amaldiçoam a «necessidade dolorosa» da guerra, repudiando os ênficos brutais que os usam glorificar como bela e saudável a luta sangrenta entre povos.

Desse modo, não nos poderíamos tampouco dizer revolucioná-

rios ou insurreccionistas, pois nenhum de nós ama a guerra civil ou revolução armada em si. Somos revolucionários ao insurreccionais porque julgamos indispensável, infelizmente, a insurreição para o nosso fim de emancipação social; assim como outros são guerristas, porque julgam a guerra interestatal útil ou necessária para outros fins determinados.

Muitos socialistas democráticos também protestam com a qualificação de parlamentaristas, porque, dizem elles, só interveem na acção eleitoral e parlamentar por uma necessidade de momento e para agitar as massas—ao que nós respondemos que merecem bem o qualificativo; pois prestam ao parlamentarismo um novo motivo e um novo prestigio. O mesmo poderíamos dizer áqueles que dão á guerra um escopo revolucionário.

Quando, pois, empregamos a designação de guerristas, não o fazemos para ofender: pretendemos ser objectivos.

Se o termo é incerto e impróprio, não muito menos impróprio é o nome de intervencionistas, que ameaça confundir com os pseudo-revolucionários italianos, adeptos da intervenção do Estado, os simples partidários da participação livre e voluntária dos revolucionários sociais e que além disso poderia indicar também os que pretendessem intervir com meios revolucionários e para fins revolucionários; como imprópria é a crisma de neutralistas ou abstencionistas que pretendem por vezes pespegar-nos.

Os resultados

Diz com razão o camarada Vicente Garcia em El Porvenir del Obrero:

«Estou certíssimo de que, triunfem uns ou outros (os aliados ou os austro-alemães), o povo não poderá apreciar a diferença, pois verdadeiramente não existirá para elle, e julgará que, se tivessem triunfado os outros não estaria pior.»

E assim, se os revolucionários se tivessem comprometido tomando o partido do vencedor, grande seria o seu descrédito e grande o scepticismo espalhando entre o povo, o que não impede de desejar a vitória dos aliados, como diz o camarada Garcia, quando mais não fôsse, para desengano e lição dos intervencionistas, os quais, se a Alemanha vençesse como em 71, diriam como teem dito desde então:

Tudo isto é porque a Alemanha venceu. Se tivesse triunfado a França outro galo cantaria. Verdade seja que há muitos modos de fugir com o rabo á seringa; mas sempre convirá ter a contraprova da guerra de 70.

Não nos cheira que as diferenças devam ser grandes—sobretudo para os olhos do povo. E nisto está um ponto essencial.

Vida Anarquista

Propaganda Libertaria—Para discutir assuntos importantes para a propaganda, reunem-se hoje, este grupo pelas 20 horas, no local do costume. É indispensavel a comparência de todos os agrupados.

Grupo Libertário «Eliseu Reclus»—Com este titulo acaba de se fundar em Gaia mais um grupo que se destina a espalhar as ideias anarquistas.

União Comunista anarquista de Gaia—Reuniu no passado domingo esta agrupação, estando presentes todos os delegados. Reconhecendo-se a utilidade dum entendimento entre todos os grupos para darem força á União, foram aprovadas as seguintes bases de acordo, que lhes serão presentes em reunião conjunta:

- 1.º Fazer por todos os meios ao seu alcance a propaganda anarquista-comunista;
2.º Estar sempre em continua correspondencia com os grupos adherentes, para o bom resultado da propaganda;
3.º Os grupos adherentes á União terão a sua completa autonomia em todas as suas funções vitais e de propaganda; enviarão apenas os seus delegados á União para os fins de solidariedade e acção conjunta;
4.º A quota com que cada grupo deve contribuir será de 20 mensais;
5.º A União podem apregar-se todos os individuos que não estejam agrupados, pagando 10 mensais;
6.º As suas reuniões serão quinzenais, e á vez, na sede dos grupos adherentes.
7.º A União dará a sua adesão a todos os movimentos operários de caracter económico e revolucionário, que tendam á emancipação do proletariado.»

No próximo domingo 27 do corrente volta a reunir a União na sede do grupo Verdade e Luz. Pode-se a comparência de todos os delegados.

A todos os grupos anarquistas do país e estrangeiro.—Esta União ao constituir-se, sauda por meio da imprensa os os grupos anarquistas de todo o universo, e oferece-lhes todo o seu auxilio moral e material nos seus actos de propaganda e agitação revolucionária.

Qualquer correspondencia pode ser-lhe enviada para a Rua Domingos de Matos, Coimbrões, Vila Nova de Gaia.

Verdade e Luz.—(Gaia) Hoje pelas 10 horas reúne este grupo para tratar de diversos assuntos de propaganda. Torna-se indispensavel que não falte nenhum dos seus membros.

Os desertados.—(Gaia) Reun-

niu no dia 15 pelas 20 horas, e entre outros assuntos resolveu nomear seu delegado á União Anarquista local, o camarada C. Domingues d'Almeida.

Regeneração Social.—(Braga) Convidam-se os membros deste grupo a comparecer á reunião que se efectua hoje no local do costume, pelas 8 horas da manhã.

Espera-se que ninguém falte, dada a importancia dos assuntos a tratar.

Deus não é culpado...

Un jornal clerical francez, L'Echo de Plaisance, faz as seguintes «Reflexões sobre a guerra»:

«A guerra terrível que a Alemanha desencadeou sobre o mundo provoca blasfêmias. Homens, sem duvida ignorantes, dizem coisas abominaveis, como estas: Se Deus existisse, se Deus fosse justo, se Deus se occupasse de nós, não se veriam tais horrores. Ou então os bons não sofreriam.»

Os desgraçados que assim blasfemam atraem sobre nós novas maldições. Falam como loucos. O homem é livre; o mal vem do mau uso da liberdade.

Foi então Deus que fez esta guerra? Foi ele que disse aos alemães que no-la declarassem? Nós é que somos a primeira causa dela. Depois da guerra de 1870, deveríamos não ter recommçado os mesmos erros que ocasionaram a nossa derrota.

Porque é que, como em 1870, enfracamos o nosso exercito e vilipendiamos os seus chefes? Porque prégramos um pacifismo estúpido e um antipatriotismo ainda pior? Porque amparamos os professores que o ensinavam aos seus alunos? Porque ridiculizamos as familias numerosas e deixamos propagar o malthusianismo?

Vejamos: foi Deus que fez isso? Não, não, fomos nós mesmos. Ele prohibia-nos aquilo; somos punidos por onde pecamos. Devemos concordar e corrigir-nos. Deus queria fazer-nos bem, devíamos dar-lhe ouvidos. Não é ele o nosso amo?

Nenhum de nós pensa em atribuir a Deus todas essas calamidades—responde um livre pensador francez—por uma razão simples: é que dispensamos essa hipótese na explicação dos fenomenos sociais, como Laplace a dispensava em astronomia.

A guerra é fruto dos privilégios, dos antagonismos de interesses burgueses, da divisão da sociedade em classes e em Estados e da ignorância das massas, bem como do militarismo, que os católicos tanto amam e protegem, insultando até o mais innocente pacifismo, embora o papa se diga pacifista...

Segundo o católico autor das linhas acima traduzidas, quem favorece todos esses males, causadores da guerra, é o sr. Deus, nosso amo,—esse mesmo Deus que concede aos homens a tal «liberdade», mas não quer ou não pode impedir que eles façam mau uso dela...

E' em nome dessa pretensa liberdade que os clericais teem exercido ou amparado todas as tiranias, em vez de procurar para os homens condições materiais que os levem a agir melhor e a viver melhor.

ELEITOR MORDAZ

Nos jornais de Lisboa, achamos a seguinte noticia, relativa a um incidente sucedido numa das assembleias eleitorais da capital:

«Na 8.ª assembleia, 1.ª ecção de voto, S. Mamede, appareceu na urna uma lista democrática com os nomes dos candidatos substituídos por estes dizeres:

Table with 2 columns: Candidate name and number of votes. Includes 'Pão negro com sarradura e milho', 'Batatas', 'Agucar negro', etc.

Senadores: Casas baratas, Quartos pequenos a...

O sarcasmo é pungente, sem dúvida.

Verdade seja que nem para isso nos faríamos eleitores;

Melhor fizeram os camaradas de Setúbal, organizando uma excursão popular para fora, no dia das eleições.

Coisas historicas

14-1913—Em Milão (Italia) declarou-se a greve geral de solidariedade.

15-1888—Saibem Madrid o primeiro número dum semanário anarquista com o titulo, A Bandeira Vermelha.

16-1913—Dão-se grandes colizões, em Milão, entre os grevistas e a força armada.

17-1818—Nasce em Paris o insigno compositor musical Charles Gounod.

18-1815—Em nome da «sua querida pátria» trucidam-se matando em Waterloo, 70 mil soldados...

19-1897—Inicia a sua publicação em Calais (França O Operário Revoltado, semanário anarquista.

20-1912—Na Covinhã declara-se a greve geral operaria.

A obra do estado

Espantam-se e clamam contra a chusma de diplomados em busca de cargos públicos. E tolo o espanho.

A consequencia lógica da orientação official do ensino é forçosamente esta. O Estado só prepara a mocidade para isto ou para a militança. Ou bachareis inúteis, ou militares prejudiciais. Exagera-se ao extremo a preocupação de forgicar patriotas e não há muito que se disse que toda a mocidade deveria ter educação militar e guerreiral. O interesse do individuo é posto á margem; o interesse do Estado, que não é absolutamente o da colectividade, é tudo. Quer-se uniformidade no modo de pensar e não se procura respeitar o pensamento de cada um. Noutros tempos os padres preparavam bons e ferventes catolicos; hoje criam-se guerreiros ou serviços do Estado.

FABIO LUZ

Folhetim de «A AURORA»

SOTAINA

O padre Chênebois considerou por um instante os plátanos da cidadezinha meridional. As árvores do outono começavam a perder as folhas sob o açoite da ventania, mas tinham ainda uma bela cor, e estavam como que adornadas por essa poesia melancólica idónea ás coisas e seres que vão passar.

O padre Chênebois era uma dessas inteligências robustas e finas, como não é assim tão raro encontrar nos padres. A sua face honesta estava impregnada dessa serenidade que já se não demora mais do que nas frentes de alguns velhos ou de alguns religiosos, nos quais, ao passar a vida moderna, não deixou os vestígios da nossa vertiginosa inquietação. Mas nesse dia era mais fixo o seu olhar, uma prega profunda lhe sulcava a larga fronte, e os labios estavam crispados. Nele se travava, sem dúvida, um violento combate, do qual o seu espirito recto ia sair ou victorioso le resplandecente ou humilhado e conspurcado... Ele bem o sabia, e para refrigerar a cabeça em ebulição é que tinha aberto de par em par a porta-janela, estendendo a fronte febril aos effluvios crepusculares.

O vento era melódico nos plá-

tanos ruivos e doirados, em quanto o sol cantava como fanfarra polifónica na paisagem outonal...

... Tornou a sentar-se.

... Sobre a mesa havia livros dispersos: infólios de teologia, volumes filosóficos. Um deles estava aberto, assim mantido por um peso-papeis: «A Força da Consciência».

Segurou a cabeça com as mãos ambas, comprimiu as fontes. Sofria atrocmente.

... De manhã, quando se achava no jardim—que ele próprio tratava, com um gosto atávico de filho do campo—tinham vindo chamá-lo para administrar a extrema unção a um moribundo. Precipitara-se. Era longe, fóra da cidade, num sitio deserto, onde era perigoso demorar-se depois do anoitecer.

Dez anos antes, dára-se ali um crime atarrador: uma desconhecida fóra violada, depois decapitada. Nunca se viera a encontrar a cabeça, sem dúvida arremessada ao rio que roncava em baixo. Nenhum papel. Nenhum indice. Não se pudera identificar o cadáver. Um forçado expiava agora esse crime sem nome: um miserável maltrapilho, logo preso, sentia evaporar-se-lhe o sangue sob o céu da Guyana. Pelo caminho, o padre Chênebois lembrava o drama, ainda assombrado ao pen-

sar em tal iguomfina... Mas chegara ao destino: uma cabana de tábuas e de barro, onde agonizava um homem.

Ao entrar o cura, o moribundo ergueu-se quase direito. Os seus cabellos sujos e a sua barba despenhada tinham reflexos rubros. O padre falara-lhe numa voz calma e sem timbre, como se fala ás crianças doentes e sem remédio. De repente, o enfermo pusera-se a chorar e a bater no peito cavado murros brutais, gaguejando palavras sem nexo. O padre acalmara-o e ouvira-lhe a confissão, muito lívido, reprimindo o horror que cada vez mais e empolgava.

... Por fim, ainda com um sôpro de vida, o agonizante indicara um ponto, dera horriveis precisões: —A caveira está aqui, debaixo da minha cama... os papeis ali, debaixo da pedra da entrada...

E morrerá, com espasmos horrorosos, com os olhos muito abertos, fixos no tecto, como que a seguir a visão alucinante dum luta.

... De modo que um innocente estava a pagar por aquele miseravel! No coração do padre, transbordou a piedade; mas a esta impressão anódina succedeu logo uma revolta contra a sua religião, que não lhe permitia tirar o innocente das galés, revelando a verdade. E um grande ponto de interrogação se levantou diante da sua intelligência robusta e fina, um

combate interior tornou-lhe fixo o olhar, cavou-lhe na fronte uma raga profunda, crispou-lhe os lábios.

... Uma bruma fina afogava agora os contornos das árvores, e além, as casas pareciam entravistas através duma gaze.

O padre readquirira um pouco de serenidade, porque estava certo de se aproximar o desenlace do drama moral que nele se dava.

Era um cruel problema... Violar o segredo da confissão ou perpetuar o martírio dum innocente—tinha que escolher.

A sua alta honestidade revoltava-se á ideia de prolongar o sofrimento do infeliz, condemnado por um crime alheio; mas todo o seu passado místico e todos os arcos de que estava impregnado e seu espirito impediam-no de falar á sua consciência. Tentara rezar, em vão. E sempre que a si próprio repetira o seu papel de padre era independente dos seus escriptulos, que elle estava compromettido pela sua fé, tivera a visão pungente do forçado innocente, que ha dez anos gemia. Tentara ler; mas os livros eram mudos. Apenas um volume recente: «A Força da Consciência» acabava de lhe lançar a perturbação no cérebro... Que havia de fazer?

Estava fisicamente exausto;

MARCELO FABRI